

RUA PAULO VIRGÍNIO

Decreto nº 4008 de 11-02-1972, Artigo 1º, Inciso IV
 Formada pela rua 2 do Jardim dos Oliveiras - conti-
 nuação, e, pela rua 4 do Jardim dos Oliveiras - 3a. parte
 Início na rua Philemon de Cuvilon
 Término na avenida José Fonseca Arruda
 Jardim dos Oliveiras

Obs.- Do decreto assinado pelo Prefeito Orestes Qué-
 cia, consta: "Paulo Virgínio - Herói Paulista".

PAULO VIRGÍNIO

A 28 de julho de 1932 Paulo Virgínio foi fuzilado em Cu-
 nha. Trata-se de um herói que durante muitos anos teve sua vida e sua
 morte mal conhecidas. E para isso concorria a conveniência de o Esta-
 do totalitário em impedir a divulgação, como é comum nas ditaduras. Fô-
 ra um fuzilamento sumário, estúpido, cruel, sem julgamento, levado a
 cabo por policiais frios, desonestos, incapazes e covardes. Assim é
 descrita a cena bárbara, por velhos moradores de Cunha e nas modas dos
 violeiros, que relatam em minúcias a selvageria. Deflagrada a Revolu-
 ção, no dia 12 de julho, Cunha é invadida por uma soldadesca, fazendo
 grande alarido que pareciam bêbados, insultando e ameaçando os paulis-
 tas. Comandados por um tal de Vanique, soltaram os presos, tentaram in-
 cendiar a Prefeitura e prenderam o Juiz de Direito. À propalada chega-
 da de tropas paulistas, fizeram esses vermes amedrontados fugirem pa-
 ra Parati, levando o Juiz de Direito, como refém. Poucos dias depois,
 esses bandidos, reforçados por um contingente de fuzileiros navais,
 passaram a pressionar os caboclos da região. No bairro de Taboão resi-
 dia Paulo Virgínio, que obrigavam-no a se alistar e induzindo-o a in-
 dicar a posição das forças constitucionalistas além de revelar seus e-
 fetivos e armamentos. Recusou-se. Tratava-se de um homem simples, que
 não sabia ler e nem escrever. Chama-se Paulo Gonçalves dos Santos e
 seu pai Virgínio Gonçalves dos Santos. Daí derivou o nome de Paulo do
 Virgínio, e depois, Paulo Virgínio. Das forças ditatoriais constavam
 o tenente Airton Teixeira Ribeiro, investigador de polícia promovido
 pelo Chefe de Polícia do Rio e o sargento Juvenal Bezerra Monteiro,
 também policial. Como se negasse a responder-lhes Paulo Virgínio foi
 torturado. Em julho, a região de Cunha, montanhosa, é frigidíssima.
 Despiram-no e puseram-no debaixo de uma cachoeira de água gelada. Re-
 cusou-se a falar. Derramaram-lhe água fervente nos pés. Paulo conti-
 nuava obstinado. O sargento mandou o destimido caboclo abrir uma co-
 va funda. Nú e com dificuldades, ao término, quando pousou a enxada
 no chão, recebeu pelas costas uma rajada de metralhadora e mais um ti-
 ro no ouvido. Dias depois, os paulistas varriam os invasores que fu-

giram apavorados em direção de Parati. O cadáver de Paulo Virgínio foi transladado do espigão do Divino Mestre, local onde foi barbarizado e fuzilado, para o cemitério da velha cidade. De Cunha seus restos mortais acabaram sendo removidos para o panteão do Ibirapuera.



= J U S T I F I C A T I V A =

PAULO GONÇALVES DOS SANTOS ou PAULO VIRGÍNIO, dis-

se César Salgado em discurso proferido no Clube Piratininga, em 20 de agosto de 1935: mal sabia ler, era, porém, inteligente e de boa prosa.

O seu apelido provinha do nome paterno - Virgínio Gonçalves dos Santos.

Em princípios de julho de 1932, Cunha, mal se comentava as primeiras notícias da Revolução Paulista, foi invadida pelas tropas da ditadura. Após o instante de surpresa, um grupo de moços mal armados, num gesto de audácia e destemor, investe contra os invasores, pondo-os em fuga. Os invasores aprisionaram pacíficos moradores, dentre êles Paulo Virgínio.

Aí começou seu martírio e sua glória, pois cumpriu seu destino heróico, nunca se curvando à prepotência e à arrogância, fiel ao seu ideal e a tudo respondia, mesmo supliciado:

"São Paulo vence".

Por fim o fuzilamento e suas derradeiras palavras:

"Morro, mas a minha morte será vingada".

Entendemos que a denominação deva ser "PAULO VIRGÍNIO", pois assim êle era conhecido pelos seus atos heróicos. Sugerimos que seja uma via pública localizada no Jardim dos Oliveiras, uma vez que, naquele bairro, já existem outras denominadas com os heróis do Movimento Constitucionalista de 1932.

ANATOLE BRASIL NORONHA SALES
= VEREADOR =



DECRETO N.º 4008, DE 11 DE FEVEREIRO DE 1972

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — JOSÉ BONIFACIO DE ARRUDA — CIDADÃO PRESTANTE — (1891-1970) — a Rua 5 do Jardim Planalto, que tem início na Rua 12 do mesmo loteamento e término na Rua Carolina Prado Penteado.

II — ANTONIO CARLOS RODRIGUES SIGNORELLI — EXEMPLO DE LIDERANÇA — (1951-1971) — a Rua 6 do Jardim Planalto, que tem início na Rua Augusto César de Andrade e término na Rua Carolina Prado Penteado.

III — PAULO PROVENZA SOBRINHO — CIDADÃO PRESTANTE — (1924-1971) — a Rua 2 do Jardim Aero-Continental, que tem início na Rua 3 e término na Rua 9, do mesmo loteamento.

IV — PAULO VIRGINIO — HERÓI PAULISTA — a Rua formada pela Rua 2 do Jardim das Oliveiras continuação, e, pela Rua 4 do mesmo Jardim, 3.ª parte, que tem início na Rua Dr. Philemon de Cuvilon e término na Av. José Fonsêca Arruda.

V — ALY CESAR CLOSEL — CIDADÃO PRESTANTE — (1920-1969) — a Rua 7 do Jardim Planalto, que tem início na Rua Augusto César de Andrade e término na Rua Carolina Prado Penteado.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 11 de fevereiro de 1972.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURIDICOS
ENG.º JULIO CÉSAR PILENSO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes dos protocolados administrativos n.ºs 25.646, de 30 de agosto de 1971; 00.062, de 3 de janeiro de 1972; 00.057, de 3 de janeiro de 1972; 34.125, de 26 de novembro de 1971; 5.359, de 16 de fevereiro de 1970, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito em 11 de fevereiro de 1972.

GERALDO CÉSAR BASSOLI CEZARE
CHIEFE DO GABINETE

RUA PAULO VIRGINIO

- HERÓI PAULISTA -

(Sugestão do vereador Anatole Brasil Noronha Sales, transformado no Decreto nº 4008 de 11-fevereiro de 1972, dando o nome de PAULO VIRGÍNIO - HERÓI PAULISTA, à Rua formada pela Rua 2 do Jardim dos Olivieras - continuação, e, pela Rua 4 do mesmo Jardim - 3a. parte, que tem início na Rua Dr. Philemon de Cuvilon e término na Avenida José Fonseca Aruda. Publicado no Diário Oficial do Município nº 485 de 12-fevereiro-1972. Prefeito Orestes Quércia)



A MORTE DE PAULO VIRGINIO

(Extraído do jornal "O Estado de S. Paulo, de 09-julho-1957.)

Hoje, 28 de julho, transcorrem vinte e cinco anos que Paulo Virgínio foi fuzilado em Cunha. Trata-se de um herói que durante muitos anos teve sua vida e sua morte mal conhecidas. Havia uma grande causa. Fôra um crime da sua gente e ao estado totalitário era da maior conveniência impedir a divulgação. Fôra um fuzilamento sumário, estúpido, cruel, sem julgamento, levado a cabo por policiais que agiram como bando de salteadores. Assim é descrita ainda a cena selvagem por velhos moradores de Cunha e há canções de violeiros, relatando minuciosamente o fato. Ora, violeiro desempenha no sertão as funções de imprensa, reflete a opinião pública, entre os arpejos da viola. A modinha relata com pormenores o fuzilamento, atingindo a culminancia no seguinte trecho final: "mandara ele virá as costa / dero 18 tiro de ouvido / 5 sordado e um tenente / aquela crasse de bandido".

Aliás desde o primeiro dia que chegaram à Cunha deixaram a pior das impressões as forças ditatoriais. Tinham sido enviadas do Rio de Janeiro por João Alberto, então chefe de polícia. Desembarcaram em Parati e subiram pela estrada existente em direção a Cunha. Meses antes essa rodovia tinha sido melhorada pelo governo federal, o que fez supor a moradores da velha cidade paulista que o movimento constitucionalista era do conhecimento do Catete, o qual tomara providências no sentido de efetuar pronta invasão do território de São Paulo. Dessa maneira, um caminhão pôde subir a serra, antes intransponível, e despejar soldados ditatoriais em Cunha ao cair da tarde de 12 de julho, ou seja, dois dias depois de ter eclodido a revolução. A soldadesca desceu do veículo com grande alarido. Pareciam todos bebedos. Insultavam os moradores chamando-os de paulistas bestas, a todos ame



açavam, provocando o pânico. Não tardou a espalhar-se o tumulto. Os invasores eram comandados por um tenente, que chamavam Vanique. Soltaram os presos da cadeia e tentaram incendiar o velho prédio da Prefeitura. Comportavam-se como um bando de malfetores.

O Juiz de Direito, Dr. Pedro Marta, informado do que se passava saiu ao encontro da soldadesca desenfreada, exigindo ordem. Não ouviram suas palavras. Fizeram pior mesmo, pois prenderam-no.

No entanto, caía a noite. E foi nessa ocasião que providencialmente chegou uma força paulista, que havia partido de Guaratinguetá. A notícia logo provocou retraimento entre os ditatoriais que não esperavam ser enfrentados. Então utilizaram o Dr. Pedro Marta como refém. Postaram-no na frente, a servir-lhes de escudo. Foi nessa ocasião, vendo a indecisão dos soldados paulistas, que o Juiz de Direito gritou:

- Atirem, rapazes! Não façam conta de mim! Atirem! Atirem!

Seguiram-se tiros isolados. Os invasores procuraram salvar-se. Pularam no caminhão e partiram em direção a Parati. Ali proclamaram que tinham chegado poderosos contingentes paulistas e que se haviam caído numa emboscada.

Tais fatos são hoje rememorados em Cunha e narrados com riquezas de pormenores. Trata-se de uma cidadezinha que conheceu, no passado, grande esplendor, pois estava na rota das Minas. Ainda hoje se fala no governador das sete vilas, da sua espantosa riqueza. O templo local, restaurado pelo SPHAN é majestoso e atesta a grandeza remota. Em tais condições, os acontecimentos da revolução constitucionalista servem de glória. E realmente ali se travaram duros combates e foram conhecidas incontestáveis vitórias.

VOLTAM OS DITATORIAIS

Dias depois, não tardaram a voltar os soldados da ditadura reforçados por um contingente de fuzileiros navais. Postaram-se nas redondezas, nos morros próximos, Cunha fica no centro de uma bacia. Na direção do mar destaca-se o Espigão do Divino Mestre. Ali iria ser fuzilado Paulo Virginio.

Os soldados ditatoriais tinham trazido uma peça de artilharia, com a qual iam bombardeando as posições constitucionalistas. Granadas caíram em velhos prédios da cidade.

Passados vinte e cinco anos ainda mostram venerandos soldados que foram atingidos e ostentam os impactos com orgulhosas cicatrizes. Durante vários dias, os atacantes tentaram entrar na cidade e foram repelidos. Já então o primeiro contingente recebera reforços de companhias do Batalhão 9 de Julho e do Piratininga, constituído de elementos de escol. O tenente Zerbini, do



Exército, recordam ainda, revelou-se um extraordinário chefe e o coronel Nabor, da Força Pública, deixou fama. Cobrindo de espigão em espigão, com uma metralhadora pesada dava a impressão de que havia abundância de armas automáticas dentro da cidade. Na realidade faltava munição, as granadas de mão chegaram com defeito e quando eram arremessadas não explodiam. Nararam, agora, que os ditatoriais gritavam, supondo que se tratava de pedras:

- Paulista besta, não debocha a guerra. Não joga pedra!

Contam também que os atacantes estavam receosos, pois um elemento que conseguira penetrar na cidade ouvira de um soldado que descarregava um caminhão recém chegado, à noite, de Guaratatingá:

- Descarrega primeiro a pesada!

Supuseram tratar-se de peça de artilharia. No entanto, a temida "pesada" não passava de uma caixa de mantimentos.

Procurando uma entrada na cidade, os elementos da força atacante obrigaram caboclos da região a cooperar. No bairro de Taboão residia Paulo Virgínio, que quizeram alistar, induzindo-o a indicar a posição das forças constitucionalistas e revelando seus efetivos e armamentos. Recusou-se.

PAULO VIRGINIO

Tratava-se de um homem simples, que não sabia ler nem escrever. Seus contemporâneos descrevem-no como moço valente e de grande perspicácia. Chamava-se Paulo Gonçalves dos Santos e seu pai fôra Virgínio Gonçalves dos Santos. Daí derivou o nome de Paulo do Virgínio, e depois, Paulo Virgínio.

Das forças ditatoriais constavam o tenente Ayrton Teixeira Ribeiro, investigador de polícia promovido pelo chefe de polícia do Rio, e o sargento Juvenal Bezerra Monteiro, também outro policial. Essa a razão dos métodos bárbaros aplicados ao infeliz caboclo. Como se negasse a responder-lhes torturaram-no. Em julho, a região é frigidíssima. Despiram-no e puseram-no debaixo de uma cachoeira de água gelada. Recusou-se a falar. Derramaram-lhe água fervente nos pés. Paulo Virgínio obstinou-se. Desafiou-os. Segundo as declarações de uma testemunha ocular, afirmava: "São Paulo vai vencer. Voceis pagarão caro".

O sargento mandou então o destemido caboclo abrir uma cova funda. Quando ele pousou o enxadão desfechou-lhe uma rajada de metralhadora nas costas e acabou-o com um tiro no ouvido. A modinha de viola propala que foram cinco soldados e um sargento. Assim morreu Paulo Virgínio na fria madrugada de 28 de julho de 1932.

A VITÓRIA



O fuzilamento causou revolta na região. Semanas depois chegava munição abundante e era realizado o famoso contra-ataque que levou de roldão os ditatoriais até Parati. O pânico foi grande. A causa foi simples. Os paulistas tinham recebido uns cunhetes de munição, algumas metralhadoras e granadas de mão que explodiam. Com esse material os paulistas atacaram com denodo e sequearam a desolação e a morte entre os adversários. Oito fuzileiros navais ficaram estendidos no campo. Os companheiros debandaram em face do ímpeto das forças constitucionalistas. Os cadáveres foram recolhidos no cemitério de Cunha.

UM PROCESSO

Por sua vez o cadáver de Paulo Virginio foi trasladado do espigão do Divino Mestre, onde havia sido fuzilado, para o cemitério da velha cidade. Dali seus restos mortais acabaram sendo removidos para o panteão do Ibirapuera. Sendo o terreno na necrópole calcário já pouco restava das ossadas. É terra que tudo destrói.

Como o fuzilamento teve grande repercussão abriram inquérito no Rio de Janeiro. Ficou apurado então que os autores não eram militares e sim policiais. Lavou o Exército a mancha. Mas não se soube que os assassinos sofressem castigo à altura do delito. Havia o maior empenho em tudo ocultar. E só muitos anos depois voltou a falar-se no fuzilamento do bravo caboclo de Cunha que morrera por São Paulo, denodadamente. Então lhe foram prestadas honras póstumas. Já a velha e gloriosa cidade de Cunha homenageara a sua memória dando a uma das ruas o nome de Paulo Virginio. Enquanto isso a modinha de viola continua a divulgar às novas gerações como viveu e morreu um homem valente que nasceu naquele sertão e amou com extrema simplicidade e valentia o torrão natal.